

RESENHA CRÍTICA DA OBRA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

CRITICAL REVIEW OF THE WORK PEDAGOGICS OF AUTONOMY

EXAMEN CRÍTICO DE LA OBRA PEDAGOGÍA DE LA AUTONOMÍA

Polyana da Costa Ribeiro¹

A obra *Pedagogia da Autonomia* é apresentada em três capítulos: Não há docência sem discência, Ensinar não é transferir conhecimento e Ensinar é uma especificidade humana. O jogo filosófico torna este livro extraordinário devendo ser considerado como texto essencial de leitura e reflexão pelos educadores, haja vista que aponta para vários 'pontos cardeais'. Dentre eles, podemos citar a rigorosidade metódica, a pesquisa, o respeito aos saberes dos educandos, a criticidade, a ética/estética, a corporeificação por meio de exemplos, a rejeição a qualquer forma de discriminação, o reconhecimento da identidade cultural, o querer bem aos educandos, o ter alegria/esperança, o ter liberdade/autoridade, a curiosidade e, sobretudo a consciência do inacabamento.

No que diz respeito à prática pedagógica, o autor enfatiza que o docente deve estar voltado para a amplificação e diversificação do conhecimento por meio de duas chaves, o saber ser e o saber fazer. A aquisição desses elementos confere um exercício contínuo de reflexão crítica diante dos fatos. Assim, a autoridade concedida pela via do poder do conhecimento faz com que tenhamos a consciência de que, embora sejamos condicionados pela sociedade, não devemos aceitar o determinismo, pois a história é tempo de possibilidades, de problematizações e que, portanto, é propícia a mudanças.

Seguindo esta linha de raciocínio, para que a qualidade da educação melhore no Brasil, é importante que tenhamos primeiramente discentes ativos, criadores, instigadores e curiosos, pois isso faz com

que o educador abandone o conservadorismo e passe a assumir uma postura progressista ou crítico-reflexivo. Para que ocorra esta modificação é necessária uma conciliação entre teoria e prática, porque caso contrário esta poderá tornar-se um ato mecânico e aquela virar 'blá-blá-blá', ou seja, todos os conhecimentos técnico-científicos são perdidos deixando de ter aplicabilidade e gerando no alunado numerosas preocupações, dentre elas a sensação de tempo perdido. Um outro aspecto a ser levado em conta, é que os professores se convençam definitivamente que ensinar não é transferir o saber, mas criar possibilidade para sua produção e/ou construção.

Desmitificar a idéia de que o educador é sujeito e o educando objeto, faz-se necessário, uma vez que, ambos são ativos no processo ensino-aprendizagem, conforme demonstrado na reciprocidade da frase: *Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender*. É preciso ainda que aos poucos reformule (remodele) a qualidade do aprendiz bancário para o problematizador, que passa a ter uma curiosidade ingênua, a priori, mas que com a crítica ela vai tornando-se epistemológica e gnosiológica por meio da pesquisa.

Partindo dessa premissa, jamais assumir uma posição de neutralidade/passividade. Na condição de seres sociais e históricos devemos ser formados e não domesticados, pois isto castra o que há de mais precioso no ser humano: a capacidade de aventurar-se com o universo multifacetado que a leitura, experiências e vivência proporciona. Diante dessa visão de mundo que vai alargando-se progressivamente

¹Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí-UFPI, Pós-graduanda em Urgência e Emergência pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão - IBPEX, Enfermeira do Programa Saúde da Família da Fundação Municipal de Saúde de Teresina-PI.

Autor correspondente:
Polyana da Costa Ribeiro
Rua Goiás, 530 - 64001-570 - Teresina-PI.
E-mail: polycostaribeiro@yahoo.com.br

Recebido: 30/06/08
Aprovado: 13/10/08

é triste aceitar o fatalismo *Não há o que fazer*.

A questão dramatizadora que deve ser focalizada é o adágio popular que diz: *Não importa a quantidade de conhecimento, o que importa é o que fazemos com ele*. A resolutividade para os problemas mundanos está em saber moldar o saber e readaptá-lo para um contexto específico, ou melhor, é preciso conhecer as artimanhas com que os grupos humanos produzem sua própria sobrevivência, isso para qualquer realidade em que se queira trabalhar, seja na área das relações humanas, da propriedade, do direito do trabalho, da educação ou da saúde. A dificuldade dessa tarefa é inegável, além de árdua, requer paciência e, sobretudo, disponibilidade, bom senso, coerência, segurança e competência de quem vai prestar esclarecimentos porque nos deparamos com o seguinte impasse: Se de um lado, não podemos aceitar o senso comum, de outro lado, não podemos chegar como donos da verdade e simplesmente cuspir arrogantemente o nosso saber como o único caminho a ser seguido, até mesmo porque a atitude de algumas pessoas é resistente.

A válvula de escape é tentar propor soluções para que o indivíduo chegue a um consenso e escolha a melhor saída para resolver o seu dilema. Fora a dualidade citada, existe ainda um atrito a ser vencido – a ideologia, que por distorcer a verdade, oculta fatos, torna o indivíduo anestesiado, surdo, míope e servo, só aceitando os acontecimentos como um destino que não pode ser evitado, o que é notório pela sobrepujança da ética de mercado – visando ao lucro sobre a ética universal do ser humano e da solidariedade – sensível aos reclames da população.

Como é evidente, para ultrapassarmos esses obstáculos é primordial que ensinemos o ‘pensar certo’, de uma forma não verticalizada, mas co-participativa, já que, estamos ‘falando com’ e não ‘falando para’ um determinado grupo social e a mola-mestra norteadora desse processo é sem dúvida a autoridade democrática. É somente por meio desta que brota um clima de respeito mútuo e disciplina saudável entre a autoridade do docente e a liberdade do discente, despertando a alegria, o desejo e a esperança de estar no mundo não para adaptar-se, mas para promover mudanças.

1. Freire P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra; 2004. Coleção Leitura.